

A RECEPÇÃO DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA NA POESIA LUSO-BRASILEIRA DE SETECENTOS¹

VANIA PINHEIRO CHAVES
Universidade de Lisboa

“a história da obra literária nunca se pode considerar conclusa: até quando parece letra morta subsiste a hipótese dum renascer [...] indefinidas metamorfoses, aquisição de sentidos inesperados, de rostos incontáveis, como inúmeras são as leituras em que se renova – e a par disto eclipses, deslealdades, injustiças, alternâncias de expansão e retracção, de êxito e desfavor”. Jacinto do Prado Coelho. *Ao contrário de Penélope*

José Basílio da Gama é, sem dúvida, uma das figuras mais controversas da Literatura Luso-Brasileira do século XVIII, haja vista a enorme assimetria que caracteriza a recepção da sua obra, tanto no que respeita à sua publicação, como, mais particularmente, no que concerne à sua apreciação.

A obra, não muito vasta, desse árcade mineiro - sobretudo o seu poema maior *O Uruguay*², publicado em 1769 - foi bastante divulgada e largamente comentada pela crítica portuguesa e brasileira até o início do século XX. Observe-se que em 1920, quando José Veríssimo reúne, nas *Obras poéticas de José Basílio da Gama*³, tudo o que até então era atribuído ao poeta, mais o que ele próprio havia descoberto, *O Uruguay* recebe a sua décima-primeira edição e alguns dos outros poemas a sua terceira ou quarta.

Quanto à linha dominante, até aquela altura, da abundante crítica basíliana, sirvam de exemplo as opiniões de duas destacadas figuras do criticismo literário português e brasileiro do século XIX: Almeida Garrett e Machado de Assis. Em 1826, no “Bosquejo da história da poesia e

língua portuguesa”, Almeida Garret afirma que “O Uruguaý de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem [...] Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana.”⁴ Quase no final do século, ultrapassando o ponto de vista romântico, Machado de Assis reitera a consagração de Basílio da Gama, considerando-o “Sem diminuir o alto merecimento de Gonzaga [...] ainda maior poeta”, pois “Não lhe falta, também a ele, nem sensibilidade, nem estilo, que em alto grau possui; a imaginação é grandemente superior à de Gonzaga, e quanto à versificação nenhum outro, em nossa língua, a possui mais harmoniosa e pura.”⁵

Muito diversas são, no entanto, a popularidade e a valorização do autor de *O Uruguaý* a partir de meados do século XX, a ponto de hoje ser quase desconhecido à grande maioria dos leitores e estar a sua crítica tão falta de especialistas. A isto talvez não sejam alheias as comemorações do segundo centenário de nascimento do poeta, organizadas em 1941, pela Academia Brasileira de Letras, cujo tom paradoxalmente negativista ecoa na própria publicação comemorativa do fac-símile da primeira edição de *O Uruguaý*, onde o texto introdutório, da autoria de Afrânio Peixoto, descredita a memória do poeta, não só decretando que “o mérito principal do *Uruguaý* foi pragmático, anti-jesuítico, “pombalino”...”⁶, mas ainda formulando juízos tais como: “é mal composto o poema. E o enredo não tem nexos, nem senso comum”⁷, “não há nenhum vislumbre de epopéia...”⁸, etc.

À reedição de *O Uruguaý* pela Academia Brasileira de Letras, há muito esgotada, seguiu-se apenas a publicação de um pequeno volume dedicado a Basílio da Gama na coleção de antologias “Nossos Clássicos”, que a Editora Agir preparou fundamentalmente para os estudantes do curso secundário.

Conviria, portanto, perceber se o árcade Termino Sipílio é, de fato, uma estrela definitivamente (!) apagada no panorama literário lusobrasileiro ou tem, simplesmente, passado por um eclipse prolongado e, em qualquer dos casos, quais as explicações do fenómeno.

Não nos parece possível responder à questão apenas com uma nova e profunda releitura da obra de José Basílio, ainda que sustentada pelos mais rigorosos e modernos métodos de crítica textual, pois entendemos com Hans Robert Jauss que a interpretação atual de uma obra do passado deve conscientizar-se da sua função de leitura e do lugar na sucessão histórica de leitores, mas deve, por outro lado, tentar minimizar as suas limitações, buscando uma compreensão mais global das significações dessa mesma obra, realizando a “fusão de horizontes”, mediante o contacto com a “tradição das recepções”. Para o fundador da Estética da Recepção

ção, a Crítica, condicionada pelo gosto estético do momento evita uma apreciação injusta das obras antigas quando se deixa penetrar pelo "juízo dos séculos" que "é algo mais do que a "soma dos juízos de outros leitores, críticos, espectadores e inclusivamente professores; é a realização de todas as significações possíveis que tem uma obra, actualizada nas suas recepções e concretizadas na história das mesmas."⁹

Nesse sentido, a reavaliação de que carece a poesia de Basílio da Gama deve ser precedida da compreensão da dinâmica da sua significação ao longo dos tempos - desde o seu posicionamento no horizonte de expectativas do momento em que surge às suas sucessivas colocações nos horizontes posteriores.

O carácter desta comunicação, bem como o estágio atual dos nossos estudos impossibilitam não apenas a tão necessária reposição de José Basílio da Gama no espaço literário luso-brasileiro contemporâneo, mas até mesmo a descrição completa das mutações da significação da sua obra nas Histórias literárias do Brasil e de Portugal.¹⁰ Optamos, por conseguinte, pela abordagem do fenómeno no seu ponto de partida, ou melhor, pela análise da recepção da poesia de José Basílio no momento da sua produção/divulgação e, apenas, no que respeita às suas marcas na poesia sua contemporânea.

A natureza homogênea das recepções - discurso poético - facilita a comparação e só aparentemente é redutora, pois muito restrito era, com certeza, o público da época, recrutado unicamente dentre a elite intelectual. Além disso, inexistia a "profissão" de poeta, acumulada, em geral, com alguma outra atividade intelectual, donde quase poder-se concluir que os dois grupos se recobriam perfeitamente. Assim sendo, os textos que encontramos servem de amostra representativa do comportamento da generalidade do público literário do Setecentos luso-brasileiro frente à obra basíliana.

No entanto, as conclusões que esse material, reunido em demorada investigação, propiciou podem vir a ser invalidadas, se textos que as contradigam vierem a ser localizados no imenso e pouco conhecido conjunto da produção poética luso-brasileira do século XVIII. Só quando lida e analisada toda a produção poética setecentista do Brasil e de Portugal haverá garantia de estarem detectados todos os sinais da aceitação do nosso poeta pelos seus confrades; até lá necessário é contentarmo-nos com o que a interpretação dos textos coligidos nos permite supor.

São cerca de duas dezenas os poemas da Literatura Luso-Brasileira do século XVIII que revelam, central ou lateralmente, a recepção do poeta de Quitúbia. Alguns desses textos não se referem explicitamente à obra basíliana, adstritos ao juízo de certo(s) traço(s) da personalidade do

poeta, mas neles a imagem do homem aparece misturada à apreciação do seu talento poético. Outros textos revelam a reelaboração de elementos temáticos e/ou formais da poesia basíliana e, por isto mesmo, informam sobre um aspecto diverso, mas igualmente relevante, da sua recepção.

Os poemas que vamos estudar apareceram, na sua maioria, em cópias manuscritas não datadas e não foram, quando editados, objeto de rigorosa localização cronológica. Baseando-nos seja nas biografias dos seus autores e de Basílio da Gama, seja em acontecimentos históricos a que de algum modo estejam ligados, procuramos determinar aproximadamente o momento da produção/divulgação desses poemas, de modo a visionarmos a trajetória da recepção da poesia de José Basílio na época em que (e à medida que) ia sendo produzida e obtinha os seus primeiros leitores. O nosso comentário seguirá, portanto, a ordem histórica das manifestações do público de Basílio da Gama, ao longo da segunda metade do Setecentos.

José Basílio da Gama surge no espaço literário luso-brasileiro envolto já na glória de pertencer à Arcádia Romana, daí que, mesmo antes de dar provas locais do seu talento poético, seja objeto de apreciação pelos seus pares. Datariam desse primeiro momento - anterior ao *Epitalâmio a Senhora D. Maria Amélia* e a *O Uruguay* - três dos nossos poemas: um soneto de Correia Garção, uma ode de Cláudio Manuel da Costa e outra de Joaquim Inácio de Seixas Brandão.

Correia Garção, um dos poetas mais reverenciados das Letras portuguesas da altura, despeitado, talvez, pelo sucesso romano do jovem provinciano, recebe-o com atitude franca ou ironicamente depreciativa:

*“Quem vem lá? Quem nos honra? Hé Estudante,
Que das Muzas quer ter o Magisterio.
Aprendeu com os Varões do sacro imperio;
Porem se tôlo foi, veio ignorante.*

*Examinado elle he hum pedante,
Das Muzas portuguezas vituperio,”¹¹*

Garção acusa violentamente o poeta-aprendiz de descabido pedantismo e de congênita tolice, o que lhe teria impedido o desenvolvimento no ambiente literário romano. Tais defeitos ser-lhe-ão frequentemente imputados pelos seus colegas portugueses.

Exatamente contrário é o ponto de vista dos seus compatriotas Cláudio Manuel da Costa e Seixas Brandão, que não só lhe hiperbolizam o talento, mas também lhe gabam a ação pioneira no desenvolvimento das

Letras brasílicas. Segundo o Professor M. Rodrigues Lapa, a quem devemos o conhecimento da ode de Seixas Brandão, descoberta num manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, Basílio da Gama, depois da sua estada em Roma e de um curto período lisboeta, teria voltado ao Brasil e contactado Cláudio Manuel da Costa, com vistas a fundar uma Arcádia Ultramarina, mas, obrigado, como egresso da Companhia de Jesus, a partir repentinamente para Lisboa, “a nova Arcádia não teve condições de vida e morreu a nascerça”¹². A essa ação fundadora referem-se os poemas dos dois brasileiros.

Cláudio Manuel da Costa, na “Saudação a José Basílio da Gama e outros novos arcades”, sobreleva-o a todos os companheiros.

*“Na mais copada faia
Abriu o ferreo gume
O nome de Termindo; o sol que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume.
Ele o ve, elle o inveja.
Eterno o nome, eterno o tronco seja.”*¹³

Seixas Brandão, na “Ode a um árcade de Roma que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil”, canta a gloriosa empresa de Termindo que, afrontando o perigoso mar, vai

*“[...] ver da America a silvestre face
e a frente coroada
de penas encarnadas e amarelas,
e por-lhe, em lugar delas,
o verde loiro, que na Arcadia nasce:
e a rude mão, as setas costumada,
acomodar-lhe a cítara sonora,
fazendo que o som barbaro e grosseiro
mudando em voz canora
tanto voe, que a fonte assaz perene
do Rio de Janeiro
nenhuma inveja tenha a de Hipocrene.”*¹⁴

Com a publicação em Lisboa, em 1769, do seu *O Uruguay*, José Basílio da Gama oferece a seus receptores a prova cabal de seu talento e rica matéria para apreciação. E será, exatamente, apreciação - louvor ou detracção - o que o poema receberá, uma vez que a crítica do século XVIII põe acento, sobretudo, no julgamento das belezas e defeitos da obra lite-

rária, segundo o gosto e as regras poéticas do Classicismo. A crítica setecentista, terreno de eleição de todos os dogmatismos, mas também de sensibilidades originais, oferece, pelo menos, o testemunho do gosto e da ideologia de sua época. O predomínio do julzo, como o afirma Pierre Brunel em *La critique littéraire*¹⁵, não anula inteiramente as demais funções da crítica - descrever, saber e compreender -, presentes como pano de fundo da taxativa sentença.

Anexos à edição princeps de *O Uruguay* publicaram-se dois sonetos que lhe inauguram a crítica. Ambos bem representativos dos discursos encomiásticos que, de praxe, acompanhavam as obras, o que não lhes altera a natureza de crítica elogiosa, cuja antítese epocal realiza-se na metapoesia satírica igualmente presente na crítica basiliense.

O soneto "Entro pelo Uruguay: vejo a cultura", de Inácio José de Alvarenga Peixoto, reitera o ponto de vista do autor de *O Uruguay*, valorizando conformemente duas figuras nucleares do poema: o heróico Andrade e os Padres vilãos. Seguindo a vocação dialogante da poética árcade, conclui incitando o poeta a sublimar a gloriosa história que lhe ofereceu o Destino para contar:

*"E tu, Termindo, leva pelos ares
A grande acção; já que te coube em sorte
A gloriosa parte de a cantares"*¹⁵

O soneto de Seixas Brandão "Parece-me que vejo a grossa enchente" preocupa-se, diferentemente, com valorizar os elementos mais originais do texto basiliense, a sua novidade americana - a natureza e os índios. Acentuando embora a vileza da acção jesuítica, o poeta privilegia a heroicidade nativa de Cacambo, Cepé e Lindoya e ignora quase completamente o luso Andrade. Com isto inicia um dos caminhos mais típicos da interpretação d'*O Uruguay*. Por outro lado, Seixas Brandão assume, se possível, atitude ainda mais encomiástica: não só pedindo modestamente a Basílio que consinta que o seu poema junto ao dele

*"Qual fraca vide, q(ue) se arrima a hum tronco
Também vá discorrer pelo Universo."*¹⁷

mas sobretudo por lhe augurar sucesso semelhante ao de Homero, já que

*"[...] lerá a gente
A guerra do Uruguay, como a de Troya,"*¹⁷

O caráter indianista de *O Uruguay* e o elogio do poema aparecem no soneto "A terra opprime o porfido luzente", feito em louvor de *O desertor*, de Silva Alvarenga, e com ele publicado em 1774. Para o sonetista, identificado apenas pelas iniciais E. G. P., os poemas de Basílio e Alvarenga são os títulos da glória do rei D. José.

*"Ao Índio livre já cantou Termindo
Que falta Grande Rei, á tua Gloria;
Se os louros de Minerva canta Alcindo?"*¹⁸

A ligação poética entre Basílio e Alvarenga, que analisaremos adiante, é retomada, de ângulo diverso, no soneto "Quem he este animal, que galopando" em que Antonio Diniz da Cruz e Silva, satirizando essencialmente a grande admiração de Silva Alvarenga pelo seu já ilustre conterrâneo, revela igualmente despreço em relação a Basílio. No poema, datado provavelmente da época da residência metropolitana de Alvarenga, entre 1770 e 1777, o árcade português, com o seu gosto das metamorfoses, muda Palmireno

*"[...] em burro
Em pena d'encensar o vão Tremindo"*¹⁹

Noutro soneto - "Vendo a bulha, que vai no Luso Pindo" -, satirizando a famosa Guerra dos Poetas, que entre os anos 65 e 75 agitou a vida literária lisboeta de Setecentos, Cruz e Silva volta a depreciar o sucesso do poeta de *O Uruguay*, afirmando que

*"Com larga mão se queima torpe incenso
A Garção, Quitã, Matos, e Tremindo"*²⁰

Participante ativo dessa Guerra, José Basílio será alvo de outros ataques. Um grupo de cinco sonetos - três anônimos²¹, um de João Xavier de Matos e outro de Domingos Monteiro - critica o nosso poeta, como fizera antes Garção, pela sua presunção e falta de talento. Assim, Xavier de Matos intima Termindo, acusado de depreciar tanto os poetas antigos (Homero, Virgílio, Tasso, Camões, Milton) como os modernos (Voltaire, Pina, Garção, Quitã), a revelar então qual o modelo ideal:

*"Ora de envergonhado o rosto esconde,
Ou he o teu Poeta imaginario,
Ou se existe declara-nos a onde"*²²

Dentre as deficiências imputadas nesses sonetos ao estro basiliano, destacam-se a parcimônia da sua produção, a ausência de gênio, a ignorância poética, os defeitos de composição e estilo. Domingos Monteiro chega mesmo a ordenar ao cantor de O Uruguay:

*“Rasga o Canto sem traca e sem beleza,
A falta de Arte, e Natureza chora.”*²³

O partido que Basílio tomou no episódio da Guerra conhecido por Zamperineida, bem como os ataques de que foi objeto a sua poesia, são ainda polêmicos, pois não está perfeitamente esclarecida a autoria de diversos textos.²⁴ Não pairam, entretanto, dúvidas quanto à laudatória saudação que lhe faz (e a Xavier de Matos) o seu compatriota Padre Macedo, na Sátira “Donde nasce que todos indulgentes”:

*Bem hajas tu, meu Mattos, tu, Basilio,
Bem hajas: que com uma nobre e tersa
Locução, do Parnaso ao bipartido
Cume voado tendes; corromper-vos
Não vos deixastes das mouriscas vozes
De rançosa antigualha: vossos versos
Com applauso de todos serao lidos;
[...]
A fama alcançareis nos Campos Lysios,
A fresca sombra de viçosos louros,
Que a honrada fronte adornam dos Mirandas,
Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras.”*²⁵

Em “Os ultimos adeos ás Musas” de Filinto Eliseo, que, malgrado o título, deve anteceder a sua partida para a França, em 1778, o poeta, revoltado com a ingratidão das Musas, faz-lhe as suas despedidas, deixando-as na companhia daqueles, bons e maus poetas, a que elas tanto mimavam. Dentre esses, colocado no grupo dos que, à altura de Camões, louvavam novos heróis e ilustravam o Reino, refere José Basílio da Gama cujo “canto altíloco” forceja

*“Cantar Freire, na América famoso;
Que serve o Rei, com honra, e valor nôbre:
General muito humano, cujo peito
Mavioso e plo não consente a vista
De cadáveres frios, desangrados,
Victimas da ambição de injusto império”*²⁶

“A gruta americana” recria feericamente o exotismo da terra americana, já presente no poeta de O Urugay, que lhe serve igualmente de modelo para a criação de deslumbrante deusa indígena - personificação da América - rodeada de “tigres”, “antas” e “jacaré”, vestida de “vistosas penas de diversas cores”. Por outro lado, na “Epístola II”, tida por Antonio Candido como “uma das peças mais brilhantes da crítica neoclássica na literatura comum”, “provavelmente inspirada na paráfrase de Basílio a Dorat e escrita no mesmo metro”³², Silva Alvarenga realiza a mais profunda e entusiástica apreciação do Setecentos luso-brasileiro à poesia basiliiana, ao mesmo tempo em que a utiliza como modelo para sua pessoal teoria poética. A abertura do poema permite vislumbrar a admiração que nutre por Basílio da Gama -

*“Genio fecundo e raro, que com polidos versos
A natureza pintas em quadros mil diversos:
Que sabes agradar, e ensinas por seu turno
A lingua, que convem ao tragico cothurno:
Teu Pegaso não vâa furioso, e desbocado
A lançar-se das nuvens no mar precipitado,
Nem pisa humilde o pó; mas por um nobre meio
Sente a doirada espora, conhece a mão, e o freio.”³³ -*

que se lhe afigura um “Genio fecundo e raro”, cuja obra encarna “o novo, o grande, o bello” e que, seguindo a sua mais forte inclinação, pode equiparar-se a “Molière” ou “Racine”. Dentre as suas mais relevantes qualidades refere a beleza dos versos, a naturalidade e propriedade de expressão, a superação do barroquismo, a variada pintura da natureza e das personagens, a conjuração do prazer e do ensinamento, a força emotiva, a invenção, o poder sugestivo, o talento trágico e cômico, enfim o pleno domínio de sua arte.

Do confronto de opiniões manifestas nos poemas que acabamos de analisar podem-se fazer algumas considerações de natureza globalizadora sobre a recepção da poesia de José Basílio da Gama no espaço luso-brasileiro do século XVIII. Primeiramente, constata-se que o poeta mineiro e a sua obra foram objeto de grande atenção, tanto por parte de receptores portugueses como brasileiros. A crítica à sua poesia parece-nos mesmo ultrapassar a que foi feita à obra de qualquer outro poeta brasileiro da época, quando não à dos seus contemporâneos portugueses. Em segundo lugar, nota-se que os companheiros brasileiros de Basílio - mais novos ou mais velhos do que ele no trato da poesia - devotaram unânime e permanentemente uma enorme admiração pelo seu talento poético. Posição diversa assumem os seus confrades portugueses que lhe menosprezam

persistentemente a obra ou só em época tardia acabam por lhe encontrar algum valor.

Talvez, à guisa de conclusão, se possa situar a particular recepção da poesia de José Basílio da Gama pelos seus contemporâneos portugueses e brasileiros no quadro mais amplo das relações Metrópole-Colônia, no momento em que se manifestam os primeiros sinais de diferenciação dos dois universos, dado que na valorização do poeta mineiro se notam marcas fundamentais do processo de ruptura. Assim ao desgosto português face à poesia do nosso árcade romano corresponde o despique mais geral do Metropolitano em relação ao Colono, enquanto o louvor brasileiro à sua poesia insere-se no esquema mais amplo da formação da consciência nacional do Colono.

Permitir-nos-famos encerrar o nosso trabalho com a referência a dois sonetos que descobrimos em duas miscelâneas poéticas manuscritas do século XVIII e que, tratando matérias outras, confirmam o que dissemos em relação ao menosprezo do Brasil e de seus naturais no espaço metropolitano do Setecentos.

Na série de poemas satíricos que se seguiram à queda do Marquês de Pombal e em que o ex-Ministro todo-poderoso é achincalhado de todas as maneiras, encontramos um "Requerimento" em que se propõe castigá-lo com o degredo para o Brasil:

*N'ua Nao velha va pero o Brasil,
E sem gente, e sem lume, e sem farol
Veja-mos, como enreda o mar do Sul.*"³⁴

O outro soneto satiriza um "tolo estudante" "que veio a Portugal por iguaria, / La dos Sertoens da America distante", e lhe conclui o depreciativo retrato com o defeito que, por excelência, o define:

*"pois he um tolo, em fim he brasileiro"*³⁵

Assim, no pensamento metropolitano do século XVIII, o Brasil é o lugar horrível para onde se exilam os piores criminosos e o brasileiro, a mais perfeita encarnação do tolo.

NOTAS

1. Este estudo, que foi apresentado no I Congresso Português de Literatura Brasileira (Porto, Maio de 1984), ainda estava inédito, e é uma singela homenagem ao Professor Jacinto do Prado Coelho que, entre 1975 e 1982, orientou a minha investigação no campo da Sociologia da Leitura Literária, como diretor de um projeto de investigação do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa/INIC.
2. José Basílio da GAMA. *O Uruguay*. Lisboa, Regia Officina Typographica, 1769.
3. José Basílio da GAMA. *Obras poéticas precedidas de uma biographia critica e estudo literário do poeta por José Veríssimo*. Rio/Paris, Livr. Garnier, s/d.
4. *in Parnaso lusitano*. vol. I Paris, Aillaud, 1826.
5. Machado de ASSIS. "A nova geração" *in Obra completa*, vol. III, 2ª ed., Rio, Aguilar, 1962, p.815.
6. Afrânio PEIXOTO. "Nota preliminar" *in José Basílio da GAMA. O Uruguay*. Rio, Academia Brasileira de Letras, 1941, p.XXXII.
7. *idem, ibidem*, p.XXVIII
8. *idem, ibidem*, p.XXIX.
9. Hans Robert JAUSS. *História literária como desafio à Ciência literária. Literatura medieval e Teoria dos gêneros*. Vila Nova da Gaia, Ed. José Soares Martins, 1974, p. 57.
10. Realizei depois da apresentação deste trabalho o estudo global da recepção de *O Uruguay*, que constitui a primeira parte da minha dissertação de doutoramento.
11. *in Manuscrito nº 8582 da Biblioteca Nacional de Lisboa*, p. 158.
12. M. Rodrigues LAPA. "O enigma da 'Arcádia Ultramarina' aclarado por uma ode de Seixas Brandão" *In Minas Gerais (Suplemento literário)*. Belo Horizonte, 27/XII/1969, p.2.
13. *in Revista do Archivo Público Mineiro*. Ano XIV. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1910, p.585.
14. *in Manuscrito nº 1189 da Biblioteca Municipal do Porto*.
15. AA.VV. *La critique littéraire*. Col. Que sais-je. Paris, PUF, 1977.
16. *in José Basílio da GAMA. O Uruguay*. Lisboa, Regia Officina Typographica, 1769, p.104.

17. *idem, ibidem*, p.103.
18. Manuel Ignácio da Silva ALVARENGA. *O desertor*. Poema heroi-comico. Coimbra, Real Officina da Universidade, 1774, p.70.
19. Antonio Diniz da Cruz e SILVA. *Poesias*, tomo I. Lisboa, Typ. Lacerdina, 1807, p.277.
20. *idem, ibidem*, p.151.
21. Sonetos: “Meu author J. ou B. pouco de ouvido”, “Matos não queiras tal soneto ouvido” e “De Anfriso a sempre maxima escriptura” *in* **Manuscrito 8582** da Biblioteca Nacional de Lisboa, respectivamente a páginas 146, 147 e 148.
22. *in* **Manuscrito 8582** da Biblioteca Nacional de Lisboa, p.143.
23. *idem*, p.148.
24. Nesta situação estão tanto o soneto “ “Um chimico infernal drogas malditas” atribuído ora a Basílio, ora a Lobo de Carvalho, ora a Nicolau Tolentino, ao qual responde o Padre Macedo com o soneto “Satyrico infernal, horas malditas,”, como a sátira “Que alegre era o Entrudo em outros tempos”, atribuída seja a Basílio, seja a Alvarenga Peixoto, a Seixas Brandão ou a Xavier Lobo, à qual replica Domingos Monteiro com a elegia “Tu, maguada, tristissima elegia”.
25. *in* Alberto PIMENTEL (publ. e anot.) **Zamperineida segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa**. Lisboa, Liv. Central de Gomes de Carvalho Ed., 1907, p.163.
26. *in* Filinto ELISEO. **Obras completas**. vol.I, 2ª ed. emend. e acresc., Paris, A. Bobée, 1917, p. 417.
27. Para além de expressões idênticas ou semelhantes dispersas ao longo de *O Uruguay*, confirmam-se os versos 6 a 10 do Canto III
 “[...] *Descontente, e triste*
Marchava o General: não soffre o peito
Compadecido, e generoso a vista
Daquelles frios, e sangrados corpos,
Victimas da ambição de injusto imperio”
28. Antonio Diniz da Cruz e SILVA. *Poesias*. vol. IV, Lisboa, Typ. Lacerdina, 1814, p.4.
29. Antonio CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*. vol.I, 2ª ed. rev., S. Paulo, Martins, 1964, p.143.
30. Manuel Inácio da Silva ALVARENGA. *Obras poéticas*. col., anot. e precedidas de julzo crítico por J. Norberto de Souza S., vol. I, Rio, Garnier, s/d., p. 280.

31. *idem, ibidem*, p.274.

32. Antonio CANDIDO. *ob. cit.* p.144.

33. M. I. da Silva ALVARENGA. *ob. cit.* p.289.

34. *in* Manuscrito nº 8612 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

35. *in* Manuscrito nº 1129 da Biblioteca Municipal do Porto.